

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
A CASA
8 e 13 de Abril de 2026

CEUX DE CHEZ NOUS / 1914-15/1939/1952

Um filme de SACHA GUITRY

Realização: Sacha Guitry / Colaboração de Frédéric Rossif para a versão televisiva de 1952 / Comentário: Sacha Guitry e Charlotte Lysès / Participação de: Claude Monet, Anatole France, Auguste Rodin, Degas, Henri-Robert, Antoine, Edmond Rostand, Sarah Bernhardt, Octave Mirbeau, Camille Saint-Saens, Auguste Renoir, Lucien Guitry (acrescentado em 1939).

Produção: Sacha Guitry / Cópia: DCP, preto e branco, versão original legendada eletronicamente em português / Duração: 43 minutos / Primeira Exibição Pública: Variétés, Paris, em 22 de Novembro de 1915 / Versão de 1952 exibida pela RTF a 29 de Dezembro de 1952 / Primeira exibição em Portugal: Retrospectiva Sacha Guitry em 25 de Fevereiro de 1994.

CEUX DE CHEZ NOUS é exibido juntamente com ITALIANAMERICAN (1974, Martin Scorsese), cuja “folha” é distribuída em separado.

A certa altura, no começo da sua “palestra” sobre as personalidades que vai apresentar em **Ceux de Chez Nous**, Sacha Guitry “explica” como lhe veio a ideia do filme. Gostaria de ter sido “l’artisan d’une encyclopedie nouvelle”, captando as grandes figuras francesas em actividade e sonhando com o que poderia ter sido se o cinematógrafo já existisse nos tempos de Da Vinci, Miguel Ângelo ou Molière e nos permitisse hoje ver como eles trabalhavam. Recorde-se que por esta altura o cinema, para Guitry, não era mais do que fotografia, e podia fazer suas as palavras de Rodin que ele cita no extracto sobre o escultor: “Appelez cela comme vous voudrez, ce ne sera jamais que de la photographie”. Mas foi graças a este exercício de diletante (“Ces films étaient destinés primitivement à mon plaisir personnel, à une élite et à l’enseignement plus tard”- Guitry) que hoje nos chegaram algumas das raras (senão únicas) imagens animadas de grandes vultos da cultura francesa do começo do século e a que mais tarde outros recorreram para os seus filmes ou programas de televisão: Jean Dréville em **Les Affaires Sont les Affaires** de 1942 (o extracto de Octave Mirbeau), Sarah Bernhardt, Lucien Guitry e Claude Monet em **Paris 1900** de Nicole Vedrès (1947), por exemplo. E fica-se a cismar porque nunca houve por cá alguém que recolhesse (mesmo brevemente) alguns dos nossos nomes mais importantes. Contam-se pelos dedos de uma mão (e creio que ainda sobejam) as imagens que antes de 1950 se tenham dedicado a esse tipo de “enciclopédia”.

Ceux de Chez Nous é, no fim de contas, mais de um filme e mais do que um filme. No primeiro caso porque foi antes um material de trabalho, primeiro para ilustrar conferências de Guitry, depois construído como um todo em 1939, a que o autor juntou as imagens do seu pai (único documento “ao vivo” de Lucien Guitry) captadas em 1921, e, mais tarde transformado numa emissão televisiva feita em colaboração com Frédéric Rossif em 1952. Versão finalmente “completa” que Guitry encena de uma forma bem conhecida dos que seguiram esta redescoberta: “anunciando” cada excerto com o toque de uma campanha como se desse ordem para que a personalidade “entrasse” no seu gabinete (recheado de pinturas e esculturas de muitos dos “entrevistados”, e que faziam parte da colecção particular de Guitry). O processo lembra os seus famosos genéricos, em particular o de **Le Trésor de Cantenac** que Guitry dirigira dois anos antes. No segundo caso, **Ceux de Chez Nous** mais do que um

filme é uma memória e um precioso documento do seu tempo e das personalidades envolvidas, chegando a alcançar um certo grau de intimidade (Sarah Bernhardt, Monet, Renoir) ou dando exemplos dos seus métodos de trabalho: o encenador André Antoine (de que conhecemos, como realizador de cinema, **L'Hirondelle et le Mésange**) ensaiando a cena de uma peça. Um pequeno filme que é uma espécie de viagem no tempo, anulando as distâncias e fazendo chegar até nós a imagem viva de algumas das mais importantes personalidades da cultura do século passado e deste.

Manuel Cintra Ferreira